

# ***JOVENS RESILIENTES DA PERIFERIA URBANA DE PORTO ALEGRE-RS***

**Rosane Bento**

**Prof. Orientador Reginaldo Perez**

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Curso de Especialização “Sociedade, Violência e Juventude em Risco”

17.07.2011

## **RESUMO**

*Este trabalho de conclusão do curso preocupa-se em compreender e conhecer como vivem os jovens que ainda resistem, mesmo vivendo em situações limites, murados pela discriminação e violência, onde o medo pode chegar a extremos, ele ainda se propõe a ser um sujeito social permanecendo o maior tempo possível na instituição escolar, dando sentido a sua condição juvenil. O trabalho é sobre os jovens resilientes da periferia urbana de Porto Alegre, é resultado também de resultados da minha prática profissional de 31 anos de regência de classe e de 12 anos como agente sócio educadora na FASE-RS, trabalhando respectivamente na Vila Mário Quintana e na Vila Cruzeiro, ambas da periferia de Porto Alegre. Mostra como foi possível constatar como o jovem assimila, recebe e desenvolve informações produzidas pelas suas vivências sócio culturais e todos os seus saberes, mesmo que subjetivos. O trabalho atenta para o fato da importância da instituição escolar, como local capaz de criar mecanismos de acompanhamento resultando em ideias de respeito e de dignidade e sua função reabilitadora de trabalho de ressocialização.*

**Palavras-chaves: 1-Juventude em Risco 2 – Resiliência em Educação 4- Ressocialização**

## **ABSTRACT**

This work of completion of the course focuses on understanding and knowing how to live the young people still resist, even living in extreme situations, walled by discrimination and violence, where fear can go to extremes, it still aims to be a social subject staying as long as possible in schools, making sense of their juvenile condition. The work is about young people resilient urban periphery of Porto Alegre isalso the result of the results of my practice of 31 years of conducting class and 12 years as an educator in the socio- FASE RS, working respectively in the village and Mário Quintana in Vila Cruzeiro, both on the outskirts of Porto Alegre. Shows how it was possible to see how the young assimilates, receives and develops information produced by their socio-cultural experiences and all their knowledge, even subjective. The work highlights the fact of the importance of the school as a place capable of creating monitoring mechanisms leading to ideas of respect and dignity and their roleof rehabilitative work rehabilitation.

**Keywords: 1-Risk Youth in 2 – Resilience in Education – 3 - Resocialization**

## **INTRODUÇÃO**

Do modo como vejo e revejo o jovem, durante minha rotina diária, seja na escola como professora, seja na FASE como sócio educadora, é perceptível a necessidade de compreensão que cada olhar denota. Na sua maneira de entender a realidade, todos eles têm um plano, mas nenhuma certeza. O que significa que nem sempre dá certo. Porém, eles tentam calcular com precisão o que tem que fazer para dar certo.

Para compreendê-los é preciso que se entenda a realidade social e as experiências que esses jovens possuem em sua bagagem, para poder dar a eles atendimento e orientações básicas necessárias a qualquer ser humano.

As condições pelas quais esses jovens perpassam dá a eles uma entrada muito prematura para o mundo adulto (responsabilidade de cuidar de si e de outros, inclusive provendo sustento material).

Cada vez mais se fazem necessário e urgente que sejam criadas política públicas de enfrentamento que resulte numa cultura na qual, deixemos para trás a forma desumana de desrespeito por eles (que acontecem sob vários pretextos), sobrecarregando, assim as instituições que privam o jovem de sua liberdade.

O caminho para decantada Paz Social, segundo meus olhos e olhares, estão bem onde meus pés pisam: no meio social e na escola.

O elo escola-núcleo familiar de cada jovem, é que vai dar notoriedade a sua condição juvenil, construindo todos os seus saberes que darão forma à sua própria vida.

## **RESILIÊNCIA**

O uso do termo RESILIÊNCIA, na área da psicologia, no Brasil ainda é muito novo, seu uso data mais ou menos de 20 anos para cá. Porém, nos Estados Unidos, Canadá e boa parte da Europa, ele vem sendo usado como forma de resistência e enfrentamento a todo complexo acervo de experiência cotidianas e a capacidade de refazer e aceitar novos desafios, destacando o contexto do mundo em que habitam esses jovens, detendo-se nas vivências e nos movimentos de individuação que caracterizam as práticas sociais .

Segundo Tavares, “a educação deve se readaptar e se modificar, criando educadores resilientes nas suas práticas pessoais e profissionais para auxiliar com maior êxito esse jovens nas suas práticas educacionais”; pois indubitavelmente a escola ainda é um centro que contribui para que os jovens adquiram um olhar mais especial as suas escolhas, detendo-se na dimensão do processo como um todo, que pode ser olhado e pensado como uma ARTE.

A parte inicial desse estudo faz referência às experiências da pesquisadora acerca de suas vivências: de onde meus pés pisam e para onde meus olhos alcançam.

Os conhecimentos e estratégias que permitem dar concretude a essa pesquisa estarão sendo esboçados ao longo do trabalho impresso.

Nos capítulos que se seguem, dou especial ênfase à atenção que a juventude brasileira vem tendo no âmbito das Políticas Públicas nacionais e nos meios acadêmicos, através do mapeamento e estudos recentes que vem sendo divulgados e produzidos referente a esse tema.

Exponho ainda as decodificações dos termos aos quais essa pesquisa se centra e se inscreve, destacando o contexto do mundo em que habitam os jovens pesquisados, seus desafios e a complexidade de todo contexto contemporâneo, expondo processos que elucidam a experiência do cotidiano e movimento de individuação; as contribuições dos autores a respeito desse tema e os aportes usados para dar sustentação. Considerando o que nos diz Leonardo Boff: “que para compreender é essencial conhecer o lugar social de quem olha”... Entretanto o foco desse estudo não é a escola, mas aquilo ,que em geral, passa despercebido ou é desconsiderado pela instituição escolar: as vivências sócio culturais dos jovens nos espaços em que circulam e nos núcleos familiares em que se inserem.

Na parte final apresento alguns pensamentos para que façamos, uma reflexão sobre a necessidade urgente de repensarmos EDUCAÇÃO, em toda sua extensão, complexidade e incerteza, porém, com a característica peculiar de tentar produzir mudanças; abrangendo a nova forma de constituição de juventude como sujeito individual e coletivo.

## **TRAÇOS DA PESQUISA**

A temática RESILIÊNCIA EDUCAÇÃO E JUVENTUDE não são termos neutro para mim; ao contrário, tem muito embasamento nas minhas vivências profissionais: na escola trabalho com jovens que ainda são resilientes diante do processo de mudança social em toda sua plenitude ainda mantendo-se na escola, e na FASE, onde eles de alguma forma sucumbiram e perderam a motivação pelo estudo, mudando sua ótica de visão, lançando um novo olhar e tentando desbravar um caminho, até então, para eles desconhecido, desafiando o senso comum e vivendo o que pode ser considerado de "moratória social", seu peso, segundo Margulis,Urresti(2000) faz alusão ao termo “moratória social” “chamando atenção para os jovens” da periferia que não tem as mesmas possibilidades de usufruir de sua condição de jovem, “muito cedo abandonam a despreocupação da faixa etária não tendo mais como adiar seu ingresso no mundo adulto(cuidar de si e de seus irmãos)”.

Para que o trabalho obtenha êxito é necessário que exista paixão pelo tema proposto, que vai gerar a necessidade de aprofundamento.

O saber tem caminhos próprios, porém árduos na sua maioria, resiliência-educação e juventude é uma trilogia que fascina por pertencer ao um mundo em constante movimento social que

desafiam a capacidade de compreender, pois sempre que penso que formulei uma base teórica, aparece uma nova ideia ou um novo olhar, que põem por terra as teorias já prontas, e assumem um novo significado na multiplicidade de experiências e na diversidade de saberes. O inesperado é instigante.

O jovem que resiste a força da exclusão e consegue manter alguns traços da sua peculiaridade individual é alguém que possui e sabe usar... "a arte de sorrir cada vez que o mundo diz não"... (Bethânia). Para esse jovem isso acontece a todo momento, é como se suas marcas e memórias fossem destruídas à noite para se reconstruir (como suporte) para enfrentar os desafios do dia.

Olhando para o rosto de cada jovem a quem minha visão diariamente alcança, seja na escola ou na FASE, consigo perceber que as marcas da resiliência estão tatuadas em suas peles e expressa em seus olhares.

Resiliência não tem ética definida, na FASE vejo jovens resilientes portadores de saberes diferentes que ocupam um espaço que os desafia, diariamente, a arriscar-se, a mostrar-se, enfim dar-se a conhecer e ser reconhecido pelo mundo real.

O grupo pesquisado, cedo conhece e convive com a privação econômica e a falta de políticas públicas de enfrentamento e atendimento que resultam no precário atendimento de saúde, segurança, alimentação e escola. Não obstante no olhar, nos gestos e falas das pessoas que deveriam oferecer suporte a esses jovens, vê-se, conforme nos fala Pais(2004) que só oferecem lugar aqueles que se enquadram num mundo adulto e normatizado.

Minhas experiências na escola não são inovadoras, ao contrário, são tímidas, porém, procuro me afastar ao máximo da escola tradicional, que enfatiza o conteúdo, me lançando a novos desafios, Como sujeito de saber que busca um novo espaço social.

Na FASE me atenho a escutar e conversar com essa juventude que desacredita de si mesma, e tentando mostrar seu verdadeiro valor que é reiterado pela social na etiqueta de INFRATOR. Para eles é importante que suas marcas e memórias oportunizem uma ênfase na sua reconstrução enquanto sujeito disposto a se inscrever numa nova condição juvenil, fora do labirinto ao qual se vê e se (re)inserir no seu núcleo familiar podendo pensar em voz alta (re)afirmando a sua identidade e a posição que ocupa nesse núcleo.

A escola deveria funcionar como um cenário de apoio e alicerce a resistência juvenil evidenciando nas suas falas cotidianas, expressa por todo corpo docente a aceitação de toda bagagem experiências que cada aluno traz na sua sacola.

O núcleo familiar, ao qual esses jovens pertencem desamparados e desmotivados em nenhuma política de atendimento não consegue dar visibilidade e nortear seu jovem, pois, a necessidade de trabalhar para prover o sustento de todos retira, por muitas horas do dia o adulto referência da rotina em que vivem, deixando os filhos maiores responsáveis pelos menores, dando continuidade a

seqüência diária da rotina familiar, e assim eles vão construindo seu espaço e se movimentando conforme conseguem.

Daí surgem às indagações: 1-que sentido tem para esse jovem, que desde cedo, toma conta de uma família, de ficar sentado em bancos escolares conteudistas e despreparados para entender suas realidades? 2-A escola está preparada para atender pais e alunos na construção de saberes? 3-Que lugar ocupam as emoções e sentimentos dos jovens no seu núcleo familiar? 4-Estar na escola significa que esse jovem é resiliente? 5-A educação produz uma juventude melhor? Em que sentido?

Esse estudo procurou dar vida e forma a esses questionamentos, propondo uma pausa na rotina de todas as pessoas que, porventura, tiverem acesso a ele de se (re)pensarem enquanto formadores de opinião e auxiliares, com um olhar ou com um simples gesto, de oferecer ao sujeito de saber, o sentimento de compreensão e valorização dele na procura de novos lugares, inovações e um novo sentido ao seu mundo juvenil.

## **A ESCOLHA DO METODO**

Para atender as necessidade que possuem o rigor científico(base de pesquisa)e o empirismo, usei a revisão bibliográfica como base para entender e explicar melhor o que já foi pensado sobre esse tema por mim escolhido, pautando a sustentação do título do trabalho em reflexões expostas no relevante contexto de definições básicas entre RESILIÊNCIA-EDUCAÇÃO-JUVENTUDE.

Para Santos(2001 p.30)estamos vivendo uma revolução científica que se iniciou com Einstein e arrisca-se a dizer “que passado a euforia científica do século XIX chegamos ao final do século XX possuídos pelo desejo quase desesperado de completarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento do conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós mesmos(...).

Sendo assim, a análise do mundo em que vivemos e como contextualizamos nossos saberes, nos torna mais ou menos resilientes, dependendo do momento e da capacidade de superação e aceitação acerca de todas as problemáticas pelas quais passamos para podermos nos tornar sujeitos com papéis definidos, seja ele qual for, sem o desespero da busca que gera sentimento de fracasso fragilizando nossa tarefa diária de construção.

O verdadeiro valor de um estudo voltado para área humanística é a tentativa de produzir uma sociedade que aceite todos os seus membros e setores (família-juventude-escola)valorizando cada um no espaço em que ocupa enriquecendo a diversidade como indício para uma cultura de resistência ao excesso de mudanças que vem ocorrendo muito rápido e profundo em todos os setores da existência (...)tornar-se resiliente não é tornar-se insensível ou indiferente ao que acontece no mundo ou ao redor de si(...). Tavares(2000-Educação e resiliência) Mas sim, entender que (...)não há natureza humana porque toda natureza é humana(...). Santos(2001p. 44)

## **RESILIÊNCIA E EDUCAÇÃO**

*Livro: José Tavares (Org.)*

A busca pelo espaço pessoal, profissional e os desafios que decorrem desse processo faz do ser humano um animal competitivo e acirra a busca de “sucesso” acarretando expectativas nem sempre favoráveis que se chocam com a realidade individual; para se preservar e ordenar suas prioridades e a sua capacidade de responder aos desafios e dificuldades, ou seja, resistir às pressões da vida e superar frustrações é como podemos, basicamente, definir resiliência.

O professor Dr. José Tavares, discute os aspectos que são relevantes do ponto de vista da construção do conceito de resiliência.

Há aproximadamente 20 anos é que se começou a usar o conceito de resiliência na psicologia, e ainda hoje, no Brasil são poucos estudos de cunho acadêmico que existem nessa área.

Segundo os professores Heloisa Szymanski e Maria Ângela Yunes (professoras e doutorandas da PUC/SP) o termo resiliência, usado na física e hoje também na psicologia, usando-se uma metáfora, podemos aproximar a relação tensão/pressão que nos permite uma primeira compreensão do conceito.

As autoras também falam/estudam os conceitos de risco, vulnerabilidade, estresse e coping e mostram em seus estudos a “... importância de se considerar a resiliência não apenas do ponto de vista do indivíduo, mas deste em suas relações com seus ambientes...” (Resiliência e Educação, p. 8, 2001).

Segundo Tavares (2001, p. 9): “numa sociedade extremamente dura e ameaçadora desenvolvemos defesas psicológicas e culturais, que hoje, vem sendo designados, de uma maneira geral como forma de resiliência. Ressalta também a necessidade de que o desenvolvimento dessa qualidade da pessoa não ocorra através de mecanismo de defesa que a torne passiva, insensível e conformada...”.

Bem ao contrário, espera-se que esse ser humano se torne mais ativo e forte para lutar contra os intempéris da sociedade em que vivemos.

Sendo ele, quem sofre o peso de viver nesse espaço/sociedade que exige todos os dias um esforço, muitas vezes superior a sua capacidade de agüentar, o que se espera é que ele se torne forte e capaz e que esse “mecanismo de defesa” seja um agente transformador, que possibilite superar os obstáculos na medida em que se apresentam.

A escola, enquanto agente formador desse calcular como será a reconstrução de alguém que se desconstruiu. Para ser mais precisa em minha abordagem, desse quesito explico que cada ser humano, comprovadamente através de estudos, observações e leituras, reage de forma diferente face às adversidades. A dimensão que cada fato toma na vida de cada um, é diferente, e muitas vezes,

nem o próprio ser consegue prever suas reações. Por isso a importância de um processo de construção em bases sólidas e na promoção responsável de condições para “... desenvolver ou ativar cartas estruturas psicológicas que tem sido denominadas como forma de resiliência em relação às pessoas e às respectivas organizações (DEVY, 1997 apud MARIA APARECIDA GUIMARÃES DE CASTRO) e Tavares (1997) atribui as instituições formadoras a tarefa de rever as condições oferecidas de preparação profissional, convertendo o conhecimento acadêmico em algo significativo e produtivo, capaz de auxiliar os futuros docentes a lidar com a incerteza, com a ambiguidade e com a imprevisibilidade das diferentes situações educativas, com maior probabilidade de sucesso e, até mesmo, com maior capacidade de resiliência. Para que essa tarefa obtenha êxito, Tavares sugere um aperfeiçoamento constante do educador, uma vez que, seu objeto de trabalho (aluno/educando) vive em ser, deve também sofrer uma mudança conceitual, iniciando pela formação dos professores, objetivando a visão organizacional de todo sistema educativo a ter uma maior abertura e autonomia para que o produto final seja um cidadão com pensamentos e ações autônomas capaz de reagir contra a burocratização da ordenação social.

A resiliência decorrente da vida moderna (estresse/ inflexibilidade/ indisponibilidade/ frustrações/ objetivos não alcançados) enfim, situações desfavoráveis ao processo de construção humana, traz à tona a consideração irrefutável de que quanto mais preparado o ser humano estiver, maiores serão as possibilidades que o mesmo terá de superar e ser capaz de conduzir com maior equilíbrio, sem se tornar frustrado ou acomodado, a contingência social atual.

Ruegg (1997:9) diz que: “... resiliência é uma qualidade de resistência e perseverança da pessoa humana face às dificuldades que se encontra...” mostrando toda evolução do conceito de material físico-biológica) a imaterial (psicológica).

Falar em resiliência (física/material) é completamente diferente de se discorrer e se estudar resiliência psicológica. Na física o material se desconstrói e se reconstrói da mesma forma, ao passo que na psicologia é muito difícil constante renovação, direcionando sua prática reflexiva ao “fortalecimento da capacidade de resiliência dos jovens professores, permitindo-lhes melhor responder aos desafios situados na realidade, encorajados a viver a experiência humana de aprender e ensinar”.

A professora Maria Aparecida Campos Diniz de Castro, da Universidade de Taubaté, por ser formadora de professores tem uma visão mais próxima por viver essa tentativa de transformação dos profissionais que irão atuar nesse mundo em transformação, onde a mesma defronta-se com necessidades e dificuldades bem específicas diz que: “todas essas mudanças e ações criativas e inusitadas trazem uma perspectiva diferente ao professor-formador...” “... Se a formação dos mesmos os tornar mais resilientes em relação as suas vidas pessoais e profissionais, sem dúvidas

poderão ser mais capazes de formar seus alunos – futuros cidadãos – também eles, cada vez mais resilientes (VERA MAIRA NIGRO DE SOUZA PLACCO, 2001, Resiliência e Educação, p. 12).

Para nós brasileiros, o termo resiliência surge como uma tímida idéia de possuir capacidades ou aptidões que torne o cidadão resistente; enquanto na Europa, principalmente nos Estados Unidos e no Canadá, o termo é utilizado, inclusive, para referendar e direcionar programas políticos de ação social e educacional.

Michael Rutter (1985 e 1993) como um dos pioneiros no estudo da resiliência no campo da psicologia diz que “... invulnerabilidade passa uma idéia de resistência absoluta ao estresse, de uma característica imutável, como se fossemos intocáveis e sem limites para suportar o sofrimento. Rutter (1993) considera que invulnerabilidade passa somente uma idéia de uma característica intrínseca do indivíduo e que o “grau de resistência não tem uma quantidade fixa, e sim varia de acordo com as circunstâncias” (RUTTER, 1985).

Para muitos pesquisadores desta área, ainda permanece a idéia de resiliência como capacidade de superar as adversidades sugerindo o nascer de termos tais como: invencibilidade/ajustamento/ adaptação/ deformação – não – permanente; porém, seu uso ainda é problemático, pois ainda não foi possível esclarecer o que compõem cada um deles.

Werner (1993) notou que o componente-chave do efetivo coping\* destas pessoas é o sentimento de confiança que o indivíduo apresenta de que os obstáculos podem ser superados”.

Em 1981, Rutter publicou um livro que falava sobre uma de suas inúmeras pesquisas com um capítulo tratando sobre resiliência e o comportamento parental do adulto que na infância sofreu abandono, onde ele levanta a questão que a todo o momento é lembrada e relembada quando tratamos sobre resiliência: por que apesar de passar por terríveis experiências, alguns indivíduos não são atingidos e apresentam um desenvolvimento estável e saudável? (RUTTER, 1987) define resiliência como “uma variação individual em resposta ao risco” e ainda afirma que “os mesmos estressores podem ser experiências de maneira diferente por pessoa diferente...”. Segundo ele, resiliência não é um atributo fixo do indivíduo, e “se as circunstâncias mudam a resiliência se altera” (1987:317). Dando prosseguimento a essa linha de pensamento exibida por Rutter, torna-se ainda mais difícil responder a pergunta acima formulada por ele. Pessoas com histórias e trajetórias semelhantes, porém com “habilidades individuais” inerentes a cada um, uns conseguem superar os momentos de crise enquanto outros não. O que varia? Certamente que as habilidades individuais, atingirão com maior ou menor intensidade cada ser.

Dentre as inúmeras nomenclaturas que esse estudo nos apresenta vamos nos focar rapidamente na conceituação de: risco/ vulnerabilidade/ estresse/ coping.

Conceito de risco – o termo surgiu no campo do comércio que com suas freqüentes perdas foi obrigado a calcular e estimar tais perdas/prejuízos.

Mais tarde começou o termo a ser utilizado no campo da medicina como afirmam Cowan, Cowan & Schulz (1996) o sentido e a forma de medir risco foi se modificando significativamente, se considerarmos sua aplicação atual no campo mental. Se formos estabelecer um comparativo entre aplicação da palavra “risco” enquanto perda de mercadoria e o uso da mesma palavra no campo das ciências humanas envolvendo saúde mental, não teremos como qualificar ou quantificar o vínculo entre as duas, exceto, no que tange a “possibilidade de perda”.

O conceito de risco foi sendo ampliado na medida em que foram sendo realizados estudos de maior abrangência como o risco psicossocial, segundo (FINCHAM, GRYCH & OSBORNE, 1994), mais precisamente quando se estudou a “correlação entre conflitos familiares e comportamento agressivo de uma criança...” quando se conclui que “privação econômica é uma das principais fontes de risco sociocultural para criança (GARBARINO, 1992) e que pobreza e miséria são importantes fatores de risco universal (LUTHAR & ZIGLER, 1991); consegue-se traçar o perfil da “exposição ao risco”; sem, contudo, definir suas causas, uma vez que, estamos falando e tratando de seres humanos independente de faixa etária.

Historicamente montando uma linha do tempo poderemos verificar que os agentes estressores sempre se fizeram presentes na delineação da construção social do que se constitui risco (MARTINEAU, 1999).

Existem agentes estressores que são chamados de “estáticos”, ou seja, simplesmente pelo fato de existirem já se previam conseqüências negativas. Exemplificando essas experiências estressoras podemos citar “... divórcio dos pais (EMERY & FOREHAND, 1996) perdas de entes próximos (CLARK, PYNOOS & GOEBEL, 1996), abuso sexual/físico contra a criança (EGELAND & BRUNNQUELL, 1979), pobreza (RUTTER & MADGE, 1976; (LUTHAR & ZIGLER, 1991), holocausto (MOSKOVITZ, 1983), desastres e catástrofes naturais (YULE, 1994), guerras e outras formas de trauma (GOODYER, 1990; GARMEZY & RUTTER, 1985).

Embora salte aos olhos o fato de que pobreza, conflito familiar e abuso são fatores extremamente prejudiciais na construção do contexto de formação humana, ainda assim não poderemos considerá-los como risco; porque o resultado dependerá dos mecanismos usados para proteção. “Risco deve ser sempre pensado como processo e não como a variável em si (Resiliência e Educação, 2001, p. 24).

Cada indivíduo possui um mecanismo para absorver a situação de risco; podendo transformá-lo em uma experiência positiva ou negativa.

Rutter (1996) enfatiza a importância de se focar ao longo do tempo “os mecanismos mediadores presentes quando há indicações de risco...” sendo importante avaliar e considerar todos os fatos que o antecederam e as vivências anteriores.

Segundo Clark, Pynoos & Goebel (1996) será a acumulação de eventos ao longo do tempo que contribuirá para a emergência de resiliência ou vulnerabilidade em casos individuais.

A presença do risco, é que para muitos autores define resiliência. Então temos na mesma esteira dois pólos totalmente opostos, sendo o risco negativo e a resiliência positiva... O risco deverá gerar para o ser humano experiências que possibilitem a formação de mecanismos de resistência e superação; hoje se apresenta com risco (possibilidade de perda) e amanhã poderá ser proteção.

Risco/Resiliência – Elder em 1986 realizou na Califórnia um estudo que no final demonstrou que “jovens provenientes de famílias de baixa renda, ao entrarem cedo nas Forças Armadas, puderam continuar seu processo educacional, adiaram as possibilidades de casamento precoce, estabeleceram vários contatos, enquanto para grupos de jovens de classe social mais abastada a experiência foi destrutiva, interrompeu suas carreiras e interferiu negativamente em suas vidas familiares...”, ou seja, aos jovens que vivem em situação de pobreza foi uma oportunidade ímpar para que os mesmos continuassem os estudos projetando-se para outro futuro; enquanto que a mesma oportunidade oferecida à classe mais abastada provocou uma ruptura nos projetos (muitas vezes não só do jovem, mas também da família) interrompendo o leque de oportunidades que naquele momento se descortinava para eles.

O risco é um sinal de alerta; coloca o indivíduo atento aos sinais posteriores que o medo despertou; mas devemos ter cuidado com esses sinais, pois não podemos considerar eventos isolados, como pobreza, por exemplo, como falar de risco, pois nesse caso estaremos sendo preconceituosos.

Cowan, Cowan & Schulz (1996) definem resiliência na sua associação ao risco como: “referência a processos que operam na presença de risco para produzir conseqüências boas ou melhores do que aquelas obtidas na ausência de risco”. Rutter (1987) coloca “... resiliência como processo final de processos de proteção que não eliminam o risco, mas encorajam o indivíduo a se engajar na situação de risco efetivamente”.

De todas as formas em que se apresentam o binômio risco/resiliência devemos tomar muito cuidado em sua abordagem e discussão. Um não existe sem o outro, porém a superação de adversidades não existe como uma fórmula concreta: o material humano e sua reação diante do risco vai depender de todas suas experiências anteriores.

Resiliência/Vulnerabilidade – A palavra vulnerabilidade origina-se do latim vulnerare que significa ferir, penetrar; por sua raiz de significado é que usamos o tema para definir o frágil, o suscetível, o predisposto.

Mas atenção, vulnerabilidade e risco não tem o mesmo significado: risco refere-se ou associa-se a grupos e vulnerabilidade é pessoal; porém vulnerabilidade aflora sem que o risco surja.

Associada ao termo resiliência, vulnerabilidade é um conceito “... utilizado para definir susceptibilidades psicológicas individuais que potencializam os efeitos dos estressores e impedem que o indivíduo responda de forma satisfatória ao estresse (HUTZ, KOLLER & BANDEIRA, 1996).

Para Zimmerman e Arunkmar (1994) vulnerabilidades são as “predisposições ao desenvolvimento de várias formas de psicopatologias (p. 2) e Rutter (1987) como grande contribuiu nessa área da ciência humana não poderia deixar de dar sua valorosa contribuição definindo o termo como: alterações aparentes no desenvolvimento físico e/ou psicológico de uma pessoa que se submeteu a situações de risco. Tais alterações ficam tão evidentes na trajetória de adaptação da pessoa que podem torná-la suscetível e propensa a apresentar sintomas e doenças. Esses problemas poderão ser existentes desde a concepção uterina da criança, permeando para todas as idades posteriores ao seu nascimento.

A vulnerabilidade diz respeito à predisposição individual para o desenvolvimento de psicopatologias ou comportamentos ineficazes diante de crise (COWAN, COWAN & SCHULZ, 1996), os mesmos ainda reiteram que vulnerabilidade não se compõem apenas pela genética, mas também por fatores externos como baixa autoestima traços de personalidade e depressão.

As condições externas também induzem ou conduzem o indivíduo a ser vulnerável, se pensarmos no meio, como local de acesso e refúgio do ser humano entenderemos que elas podem funcionar como vulnerabilidades; por exemplo, “... práticas educativas ineficazes podem deixar as crianças mais vulneráveis...” (PETTERSON & CAPPALDI, 1991). As conseqüências poderão ser positivas ou negativas, o que mais uma vez e sempre, será definida pelo eu/indivíduo e sua resposta parcial ou total diante de cada fato.

Estresse/Coping – Fala-se em estresse como um termo para definir e justificar as idéias de: “isso é estressante”... “estou estressado”... Como simples cansaço derivado do cotidiano. Hinke (1987) chegou à conclusão de que ainda não se tem uma definição que possa ou mereça ser aceita como conclusa para utilização do termo. O que se sabe, é que as pessoas diante do “estresse” do cotidiano retornam nas mais diferentes formas como resposta. Pereira (1997) cita que Hans Selye, em 1936, foi pioneiro na introdução dessa palavra nas ciências humanas definindo como uma resposta específica do corpo em exigência a ele.

Seguidamente nos referimos a estresse como característica de assimilação particular ao fato ocorrido. Atentamos para o fato do uso do termo particular que nos dá à exata idéia de subjetividade que o termos estresse nos oferece; todavia nunca fazemos uso dele sem que apareça ao lado as palavras situações ou circunstâncias. Estresse faz gerência a fatos negativos vividos no cotidiano, porém esses fatos não necessariamente representam perigo, poderá resultar no “dar a volta por cima” ou enfrentar o grande desafio e tentar superá-lo.

Coping – é palavra não traduzida do inglês e funciona como o oposto ao estresse: estresse é um conceito negativo e coping é conceito positivo.

Lazarus e Folkman definem coping: “... como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais utilizados com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de estresse e são avaliados como sobrecarregando ou excedendo os recursos pessoais” (1984:14).

Ainda existem muitas dúvidas no uso do termo coping “bem sucedido” diante de fatos ou circunstâncias estressantes. Rutter (1996) afirma que é muito importante lembrar que tanto o estresse como o coping devem ser considerados nos seus diferentes níveis: social, psicológico e neuroquímico.

Entre eles oferecem diferentes perspectivas que se complementam.

Coping e estresse estão direta e intimamente ligados à construção de um indivíduo conceitualmente resiliente oferecendo a compreensão contextual do impacto de cada um deles nas relações sociais e influências que determinam as perspectivas determinantes no comportamento de cada um.

O coping explica que as pessoas “desenvolvem formas peculiares de lidar com crise e adversidade...” (Resiliência e Educação, 2001, p. 33). O sucesso no cumprimento de importantes tarefas de desenvolvimento reflete as boas habilidades de coping (LUTHAR, 1993:441).

Hoje, já se fala em resiliência performativa como uma nova idéia para estreitar o conhecimento sobre o tema resiliência. Martineau (1999) definiu o termo criado por ela mesma, como conformidade às normas sociais, sucesso acadêmico e empatia pelos outros (Performative Resilience, p. 124) em seu estudo revela como sendo algo que é feito somente com o objetivo de agradar ou enganar aos outros ou a si mesmo. Exemplificando; são habilidades sociais identificadas pelas professoras em crianças negras que vivem em situações desfavoráveis ou de baixa renda, mas consideradas competentes. Usando a tradução literal do autor (GARMEZI, 1991:424) são amigáveis, queridas por outras crianças e adultos; não respondem impulsivamente.

Todos os conceitos se direcionam para aceitação ou curvamento do indivíduo diante das normas sociais onde o coping como competência e resiliência são avaliados de acordo com manifestações aceitas e aplaudidas socialmente, pois caso contrário, lodo se cai na classificação oposta, ou seja, do coping ineficaz, do indivíduo competente e, conseqüentemente, não-resiliente.

O que chamamos de “ponto de virada” na trajetória da pessoa (RUTTER, 1987 e 1993) é assim dito por que o “... processo pode modificar os rumos de uma trajetória tornando o indivíduo adaptado ou desadaptado durante seu ciclo de vida. Mecanismos de proteção serão aqueles que, numa trajetória de risco, acabam por mudar o curso da vida da pessoa para um “final feliz”. Ao contrário o processo será denominado vulnerabilidade se numa trajetória sem detecção evidente de

risco ocorrer uma mudança ou “virada” causada por uma trajetória com aspectos negativos, que coloca em risco a adaptação da pessoa.

Rutter define os quatro principais mecanismos de proteção que colaboram com a ocorrência de processos de proteção. São:

1. Redução do impacto dos riscos, ou seja, alterar a situação da pessoa à situação estressora;
2. Redução das reações negativas em cadeia que seguem a exposição do indivíduo a situação de risco;
3. Estabelecer e manter a autoestima e auto-eficácia, através da presença de relações de apego seguras e incondicionais e o cumprimento de tarefas com sucesso;
- 4 – Criar oportunidades, no sentido dos já mencionados “pontos de virada”, o que requer particular atenção dos pesquisadores.

Para Rutter (1985, 1987 e 1993) proteção não é uma “química de momento”, mas sim toda maneira que envolve transições e mudanças na vida do sujeito e também qual maneira ele escolhe para atuar nesse processo.

“... Definir efetivamente o que é ou não proteção parece muito complicado, pois as interações e combinações entre os efeitos do que é considerado risco ou proteção necessitam de uma cuidadosa análise contextualizada.

Nas pessoas atualmente é cada vez maior a insegurança, causada por fatores externos (assaltos, violência, trânsito) e por fatores internos (medo, angústia, verdadeiro desespero) que geram conseqüências extremas como gradear a casa (morar em fortalezas) e não sair de casa, a não ser acompanhados e desastrosamente se proliferam as síndromes – a mais em voga hoje – é a do pânico – desestruturando a pessoa que se sente incapaz de se posicionar diante do desafio de viver. Hoje, se analisarmos de outro lado veremos os mesmos desafios e na outra ponta pessoas que insistiram e focalizaram uma percepção de transformar esse pesadelo em algo que oferecesse subsídios para elaboração da resistência em continuar adaptando-se as mudanças, pois vivemos um desequilíbrio social tão notório que ao invés de vítimas nesse processo descontrolado de violência somos os “culpados”.

Luthar (1991) identificou outros fatores de proteção específicos que auxiliam a cimentar o processo de resiliência tais como: “... inteligência, senso de humor e a empatia”.

Resiliência e Educação – Como? Por quê? Com quem? Onde? São questionamentos que comumente o ser humano se faz, porém só encontram o eco de suas dúvidas; porque não são formados para pensar nem para decidir ou tomar atitudes (mesmo que erradas). O sistema educacional deverá com urgência repensar no seu papel, enquanto política de atendimento na nova realidade que o cidadão/educando vive.

Ensina o aluno/educando a pensar e direcionar seus questionamentos sem ter medo de errar, repensando o contexto, a metodologia e os conteúdos a serem trabalhados poderá ajudar a formar jovens que resistem e confiam em si mesmos diante dos apelos implementados pelo momento que a humanidade está ultrapassando.

Mas para que isso aconteça é necessário que o educador, primeiro ele, seja um resiliente enquanto pessoa e formador. Os métodos de ensino-aprendizagem não devem seguir o modelo pronto para formação de jovem educando, permita-me um parênteses, mas não uso o termo aluno para me referir ao jovem em formação porque o termo significa “ser sem luz” e não é esse o caso; todo ser em desenvolvimento que temos em nossas mãos, os quais me incluo como educadora, são tijolos preciosos na construção da sociedade; bem, mas retomando as experiências que cada um deles traz na sua mochila escolar são fontes concretas e reais de estratégias para montar todo processo e incrementos, sem transferir responsabilidades, o desenvolvimento articulado e sustentado, onde o educando deixa de ser mero expectador e passa a se agente ativo de toda essa engrenagem.

Na movimentação o meio acadêmico ainda não está preparado para formar profissionais com tamanha consciência do seu papel no processo de resiliência como o termo já foi amplamente explorado, no momento em que eles vivem a total incerteza de mercado de trabalho, desemprego, pobreza, violência, insegurança, injustiça social, etiquetagem de miseráveis entre outros tantos problemas e, no entanto, a escolas continua conteudistas sem ter a preocupação das necessidades gritantes que tem aquele ser em formação que traz consigo, deixando transparecer em suas atitudes e no seu aparente descaso com os conteúdos expostos (matéria e nota). O educador ainda detém o poder de mando em sala de aula, e, enquanto tiver poder para usar aprovação ou reprovação como moeda de troca, sem questionar a si e a seus métodos; não estaremos formando jovens questionadores, preocupados com seu poder de organização e resistência, e que, acima de tudo saiba superar suas derrotas e transformar seus fracassos em aprendizado.

O educando ainda hoje é formado para atuar em uma realidade social onde não existe miséria; suas estratégias e dinâmicas não são consonantes com o mundo atual que sofreu transformações, mudou seus valores e tem novas perspectivas. Acompanhar toda essa trajetória, não como espectador, mas como ator e diretor, não é tarefa fácil; pois estamos acomodados e também desiludidos com os enfrentamentos diários.

Rever conceitos, tabular novos valores, contextualizar a realidade de cada educador faz parte da formação profissional do mesmo.

É comprovado que o educador passa por grandes momentos de tensão/pressão, mas a capacidade de superar e transformar esses saberes de experiências em algo positivo é o que podemos chamar de resiliência e quanto o nível de preparação para reflexão sobre o problema

maiores serão as chances de facilitar a solução dos mesmos. Partindo dessa concepção concluiremos que o professor resiliente torna seu educando também resiliente. Somente uma formação real calcada em bases sólidas, é capaz de repor seriedade a enorme lacuna, que aumenta a cada dia quando se fala em educação preparatória.

Quanto mais tempo o jovem educando permanecer na escola, maiores serão suas oportunidades de aquisição de competências formadoras para tentar encontrar respostas para os questionamentos inicialmente expostos neste parágrafo.

Baseado em tudo que li, escutei e escrevi, reitero meu pensamento de que a escola desempenha um papel formador de grande valia, a educação poderá tornar o educando mais resiliente e capaz para enfrentar todas as adversidades e, se for bem conduzida essa preparação para o enfrentamento não será simplesmente usar uma couraça para se defender, mas sim, criar mecanismos de defesa que o torne uma pessoa firme em seus propósitos, capaz de lidar com as adversidades e ainda auxiliar no processo de reconstrução de nossa sociedade cada vez mais individualista, cheia de grades e muros altos, onde as pessoas nem sequer tem um olhar para o outro mesmo que seja seu vizinho.

... Ajudar as pessoas a descobrir as suas capacidades, aceitá-las e confirmá-las positiva e incondicionalmente é, em boa medida, a maneira de torná-las mais confiantes e resilientes para enfrentar a vida do dia-a-dia por mais adversa e difícil que se apresente. Sabemos que o modo de ajudar mais eficazmente as pessoas a resolver os seus problemas é ajudá-la a afirmar, desenvolver e otimizar o seu auto conceito, a sua auto estima (Resiliência e Educação, 2001, p. 52).

Na verdade a resiliência como capacidade de ser criativo, estável emocionalmente, equilibrado em sua forma de ser/agir, pensar, dialógico, perseverante deveria ser uma condição natural de cada um que gerariam seres responsáveis pelos seus atos e conscientes de sua liberdade. E se pensarmos nas organizações e políticas de atendimento, elas também estão ao natural projetadas para atender esse ser livre de preconceitos e com um esquema mental organizado e direcionado a não ser subordinados a burocracia que embola e empobrece o pensamento e as ações? Se as organizações são criadas para atender esses seres, então é certo afirmar que as instituições também são resilientes, e que, quanto mais parecida com as pessoas, maior será sua capacidade de flexibilidade e qualidade no atendimento.

Em minha pesquisa e observação o que pude encontrar foram organizações autoritárias, despreparadas, desmotivadas pela falta de recursos. Embora a idéia não seja polemizar o funcionamento das mesmas; é impossível obter êxito em dois pólos tão distintos: de um lado o indivíduo tentando desesperadamente procurar auxílio para se tornar mais forte ante o seu contexto de desgraças e tristezas e, de outro, organizações burocráticas e autoritárias que além de não atender nem auxiliar nessa desordem ainda rotulam e etiquetam quem os procura.

Não há como duvidar que com tantas mudanças sociais, onde a cada momento se descortinam fatos novos de domínio sociológicos passando pelo afetivo e o cognitivo de cada um é necessário e urgente que as organizações se democratizem e repensem seu funcionamento para que se possa encurtar essas distâncias pressupondo autonomia e flexibilidade nas ações sociais assumindo a ideia de presteza e rapidez.

Cidadãos resilientes requerem organizações, escolas e sociedade resilientes.

## **MINHAS EXPERIÊNCIAS ENQUANTO PROFESSORA DA ESCOLA MARIO QUINTANA E MONITORA DA FASE-RS**

Pretendendo ser acessível à peculiaridade do tema por mim escolhido e considerando todos os cuidados que o pesquisador\observador deve ter com interlocuções\observações e entrevistas, passei a fazer parte do convívio familiar, por breves momentos aleatórios do dia; mudei, portanto, a \*vista de um ponto\* como diz BOFF(2002), mudei o local de onde eu costumava interagir e falar(escola-FASE) e apesar de visualizar, de pronto, muitos rostos conhecidos ,de imediato no ambiente familiar existe uma mudança bem significativa do jovem: na escola-livre e descomprometido-para o jovem responsável e sério de fisionomia sisuda dando ordens e organizando a rotina familiar. Pode-se dizer que, ali, naquele espaço que a vida dele realmente acontece, a liberdade fica por conta do que lhe é apresentado sem privilégios nem formalidades.

Durante as interlocuções aconteceram situações favoráveis para que as pessoas pudessem expressar seus sentimentos em relação à resistência que tem que enfrentar nas suas rotinas. O sexo feminino foi mais aberto ao falar de seus sentimentos apesar de ter aberto o mesmo espaço a ambos. Interpretar tais narrativas muito contribuíram para qualificar nossas conversas, para Garber, MacRobie (apud.Feixe Pampóis, 1999)em muitas esferas da participação juvenil, a atuação feminina parece ser invisível. O grupo masculino tem sido vistos como um fenômeno de afirmação e virilidade, que transparece nas atividades violentas e nas estéticas agressivas, ficando o grupo feminino sem espaço próprio, somente acontece à sombra deles, e por isso justificam ter mais jovens do sexo masculino privado de liberdade. A posição das mulheres não pode ser marginal porque no final são as mulheres que assumem os erros de seus maridos e filhos. Esse desabafo feito por Helena e Cíntia (mães de jovens privados de liberdade e com filhos ainda pequenos que sonham em largar a escola e ser como os irmãos mais velhos) só demonstra e comprova o quanto para elas é pesado aguentar o peso da vida.

Pelo que por mim foi observado aponto como um fator importante para resiliência à definição dos papéis dentro da família, ou seja, que o adulto responsável assuma realmente seu papel dentro da mesma, diminuindo a ansiedade do jovem, que auxiliará no processo da construção de sentimentos ,que ao longo da vida desses jovens, aumentará a probabilidade de serem mais

resistentes psicologicamente, pois estariam vivendo suas próprias vidas e construindo sua própria história.

A baixa escolaridade é um fator de risco que contribui negativamente quando os mesmos se veem expostos à vida, tentando inserir-se no competitivo mercado de trabalho.

A estrutura básica no binômio família\escola tem um papel decisivo no apoio e amparo a esses, hoje ,crianças \ adolescentes e amanhã adultos.

É fato afirmar que o equilíbrio nessa balança é o evento fundamental para auxiliá-los a entender e aceitar todos os NÃOS que a vida nos diz a todo o momento.

Falar em resiliência em relação a esses jovens com quem mantive mais próximo contato ,mesmo por um curto período de tempo ,deixa claro que a falta de consistência afasta o jovem da escola e da família.

O que quero dizer quando uso o termo consistência?

Exatamente a referência de profissionais de educação mais preparados para lidar com as diferenças e conflitos, sem ter a preocupação conceitual da formalidade do ensino, auxiliando a solução de conflitos internos ,respeitando as diferenças de cada aluno ,porém sem esquecer a coletividade e a família que necessita ser amparada para passar a acreditar que terá uma nova oportunidade, gerando a expectativa positiva de um futuro menos sofrido ,onde possam exercer suas atividades laborativas e dar conta ,no conjunto das adversidades e adequações .Sempre que falo em adequações ,refiro-me a criação de regras e normas adequada a realidade de cada família.

É impossível se falar em qualquer coletividade sem se falar em conflitos e adversidades.

Também é correto afirmar que o grau de resistência de cada um só se vê depois dos fatos ocorrido, antes não é possível prever a reação individual nem mesmo coletiva, podemos até ter ideias, mas não certezas.

Observei também que o mesmo acontecimento traz diferentes consequências deixando evidente o caráter psíquico de cada um, o que para uns é alavanca para procurar sua melhora emocional e financeira para outros é motivo suficiente para desistir de tudo, não ter fé nem em si mesmo.

Os jovens com quem conversei que estão privados de liberdade, reconhecem que não terão forças para lutar contra os motivos que os levaram a internação (nenhum deles é a primeira internação-todos já tiveram passagem pela FASE);dizem que o principal fator é retornarem para o mesmo local onde já estão comprometidos com a criminalidade e uso de drogas e todas as suas variáveis que serão enfrentadas por todo ,com maior ou menor intensidade enquanto estiverem vivos mas são unânimes em afirmar que não tem mais chances de mudar perderam a fé em si mesmo, lamentam ter abandonado a escola e enquanto privados de liberdade ,a escola passa a fazer

parte de suas vidas e de suas rotinas .Dois deles entraram para instituição a menos de dois anos e não sabiam sequer ler e hoje já estão na quarta série.

Vejo a fase juvenil como um período de alto risco para onde todos os olhares devem convergir pois é nesse momento que afloram todas as emoções, relações amorosas e socialização e como se não bastasse tem ainda o apelo consumista(roupas de marca, bonés, tênis, etc.)Definiria como um momento-chave onde ele, imbuído de todo sentimento de pertencer de fato a um grupo, deixa-se absorver e veste a imagem de jovem destemido e ilimitado.

Ralha Simões (2001 p. 108 )diz que o indivíduo resiliente parece de fato salientar-se por uma estrutura de personalidade precoce e adequadamente diferenciada, o par com uma acrescida abertura a novas experiências, novos valores e a fatores de transformação dessa mesma estrutura, que apesar de ser bem estabelecida, é flexível e não apresenta resistência a mudança.

Os autores ainda estão muito divididos em relação à estrutura qualitativa e quantitativa de SER RESILIENTE ,podendo variar como um traço de personalidade e temperamento(Flach-1991.Garmezy-1985.Wolin-1993)ou como um atributo individual ou fruto da interação com o ambiente(Tavares 2001).

Rutter (1993) rediscutiu o termo invulnerabilidade afirmando que resiliência não é apenas um caráter individual mas, inclui os fatores ambientais que variam de acordo com as circunstâncias, p porém, o que se pode observar em todas as definições é que a resiliência passa por um processo psicológico construído ao longo da vida.

Retomando as reflexões e questões é possível afirmar que as capacidades e atitudes associadas ao meio em que cada um vive, torna a escola uma desconcertante conjunção de adversidades e de alternativas que obstruem as possibilidades, enquanto política pública de atendimento, do jovem expressar sua capacidade de resistência, porém, o deixa bem visível quando protagonista de atitudes negativas para consigo e tudo que está ao seu entorno .Mesmo negativamente ,segundo eles, possuem uma biografia referindo-se a ela dizendo:-"vá à comunidade e pergunte por mim(todos com alcunhas e fazem questão de serem chamados por ela) que te dirão quem eu sou ,como se ser amigo deles no meio de aonde vieram fosse um salvo conduto para que nada te aconteça.

Seria muito urgente romper essa seletividade, ou seja, os irmãos menores que não estão privados de liberdade, colaboram com a família, mas não tem poder de opinar nada em relação a ela ,nem mesmo de participar dos projetos escolhidos, apenas acolhem o que lhes é determinado. Não é incomum ouvir relatos de famílias do tipo-ele está preso, mas me ajudava muito ..."-Tentei que ele ficasse na escola mas não pude..."-eu não posso mais com ele...Seja o que Deus quiser. Todos esses desabafos corroboram com a, mais uma vez por mim citada, definição dos papéis na

construção da família, os pais ou responsáveis puxarem para si a formação do cidadão e mais tarde dar sequência a essa iniciativa em parceria com a escola.

Hoje o jovem não quer mais parecer com seus pais, veem com desvantagem tal semelhança pois não tiveram a participação dos mesmos na sua construção pessoal, chegam até mesmo a mencionarem a culpa dos mesmos por estarem privados de liberdade e referem-se com tristeza sobre o futuro dos irmãos menores. Para eles não existe futuro, segundo eles mesmos, mas gostariam de organizar um projeto para não ver seus parentes diretos em situação semelhante.

Ao mesmo tempo em que sentem a necessidade de incorporar novos valores para se tornarem exemplo positivo não conseguem ver uma inserção social positiva pois, já estão rotulados e etiquetados pelos seus atos passados. É difícil para eles enfrentar e redistribuir uma participação autêntica pois, para isso seria necessário à valorização e flexibilidade para incorporar a elaboração de um real sentido de vida e projeções como objetivos reguladores nas relações interpessoais e de trabalho. Nesse contexto tudo torna-se muito confuso não existe mercado de trabalho; a baixa escolarização; enfim, totalmente despreparado para enfrentar a nova exigência do mundo externo.

Ao iniciar seu processo de maturidade precoce o jovem já tem necessidade e urgência em formar uma nova família para sua autoafirmação no seu grupo de iguais. Para eles ter filhos é sinônimo de respeito que os autoriza a construir seus próprios valores. Todos os jovens pesquisados, que estão privados de liberdade, já tem uma nova família constituída, são enfáticos ao afirmar que seus filhos não seguirão o mesmo caminho que eles, porém vivem no mesmo meio que os fez ingressar na instituição FASE-RS.

Para reforçar a tese do senso comum é necessário que se tenha bem claro, que essa nova família por eles constituídas, enquanto se encontram privados de liberdade, são as suas famílias de origem que se responsabilizam pela criação de seus filhos. Os seus pais ou responsáveis, por sua vez, abarcam mais essa responsabilidade que transferem para o mais velho da casa que tem que dar conta de cuidar de mais essa criança.

Na escola, por sua vez, além de estarmos despreparadas para esse desafio contemporâneo, ainda contamos com o descrédito da máquina pública que além de não valorizar educação ainda subtrai recursos.

Todas as plataformas políticas são sempre alicerçadas em saúde e educação, porém na prática essa são as maiores vítimas na relutância da não implementação verdadeiramente ativas de sustentabilidade absoluta das adversidades da população. O impacto da deformação da escola e da saúde e o sucateamento de ambas aumentam ainda mais o descrédito e a dor que cada um traz dentro de si. Se falta saúde e educação sobra para eles exatamente o que? É fácil responder, e isso ouvi de todos, a desmoralização o descrédito, a dor de ser violentados diariamente. Educação e saúde são os maiores clamores do grupo que visitei.

Considerando que a resiliência é um fator individual mas também grupal .Individual envolvendo a capacidade de assimilação de cada um e grupal quando existe um objetivo comum que move a todos podemos afirmar que esses dois fatores causam danos irreparáveis no fator de resistência, pois não conseguem superar tamanha crueldade e descaso. Como se recompor ou se ajustar a impactos tão violentos se estamos falando de toda uma vida?

Penso que o primeiro passo tem que ser dado e vejo na escola ,nos profissionais da educação o caminho mais curto entre esse desfiladeiro que se formou entre a sociedade, esse buraco negro que deixa nossa juventude sem alternativas ,sem preparo ,sem esperança.

Investir na resiliência do profissional da educação em todos os setores escolar é o meio de começarmos essa longa e infinita jornada de construção de seres pensantes, atuantes.

Não será tão difícil nem complicado. Basta apenas um gesto, um olhar, uma maneira diferente de ver aquele ser que pede socorro todos os dias quando nos olha.

Se conseguirmos, enquanto adultos da situação, para sermos mais resilientes deixando nossas frustrações profissionais e o descrédito que nós mesmos imputamos sobre o sistema educacional certamente passaremos isso para nossos alunos, nem que seja um pouco por menor que seja, estaremos começando aquilo que o poeta canta em verso e prosa amor e esperança.

### **A VILA CASTELO NA RESTINGA COMO PERIFERIA**

Como foram anunciados anteriormente os jovens dessa pesquisa residem na periferia de Porto Alegre, espaço urbano considerado parte perigosa da cidade onde habitam pessoas que são tidas como ameaça à sociedade nesse lugar mora os pobres rotulados como marginais de fato ou em potencial.

O crescimento da cidade e o alargamento do perímetro urbano distanciam cada vez mais as bordas da cidade e empurram as populações desprivilegiadas para suas margens, mas a característica de ocupação de periferia pelos menos favorecidos ainda permanece. É para esses locais que são reassentadas pessoas que habitam espaços urbanos que vão se tornando nobres de alto valor imobiliário, sendo exatamente o caso da formação do Bairro Restinga Vila Castelo. A Vila dos papeleiros passou a ser local nobre e eles foram reassentados na Restinga que era local distante do centro, contando com o mínimo em estrutura básica, mas a eles não foi dada opção de escolha, era vir para cá e pronto. Mais tarde a própria comunidade foi se estruturando, e hoje esse Bairro receptor, apesar de viver em grandes conflitos violentos, a identidade do mesmo foi mudando e já não aceitam quando se fala em \* local violento onde só moram marginais \*,porém nesse processo migratório aconteceu que a própria comunidade formou uma autoimagem onde a desigualdade social agravou-se e as juventudes que se formaram foram sujeitadas ao desamparo social.

As pessoas que habitam esse local tem bem presente que habitam em um local da cidade que apresenta uma série de problemas sociais e urbanos. Segundo eles sua referência indenitária está fortemente ligada ao início da formação do bairro evidenciando as etiquetas que existem nas representações da sociedade em relação ao local e seus moradores. A visibilidade juvenil negativa é facilmente identificada quando os jovens fazem referências de si mesmos. O viés através do qual as juventudes adquirem sua visibilidade é um indicador de suas representações sociais que vão orientar a sua inclusão, exclusão ou omissão das ações públicas.

A carência de espaços efetivos de desenvolvimento que conduzam a incorporação social de jovens como qualidade de vida, torna a rua seu espaço fundamental de aprendizagem. Para o enfrentamento da fragilidade natural dessa fase, é preciso oferecer espaços de ocupação, participação e expressão juvenil legítima.

Especificamente no bairro pesquisado a carência de espaço adequado não deixa opção para juventude lá existente que passa a violência como um legado de pai para filho. A insegurança e a violência urbana têm sido à base da socialização desses jovens que lá habitam, fazendo com que o medo e a insegurança estejam sempre presentes entre eles.

O próprio jovem que habita o bairro admite que exista a violência, porém contesta a generalização quando se referem ao fato como se fosse comum a todos sem exceções incluindo todos os moradores como marginais.

## **AS INSTITUIÇÕES E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO**

A juventude incluída socialmente em projetos definidos pela sua inclusão em instituições educativas e preparatórias para o mundo do trabalho é muito relevante se considerarmos o ponto de vista dos jovens sobre seus tempos e seus espaços construídos nos espaços institucionalizados.

A inserção do jovem em projetos e programas de caráter inovador que aparentemente se propõem a desenvolver ações voltadas ao processo da construção da autoestima e de qualificação das identidades juvenis, são muito poucas diante da necessidade dessa comunidade. Atualmente em funcionamento nesse bairro existe apenas o PROJETO TINGA e o CECORES (Centro de Convivência da Restinga) que acolhem um percentual muito baixo de jovens. Ouve-se falar em montar parcerias com o SESI (Serviço Social da Indústria) oferecendo cursos de informática, reciclagem de alimentos e reciclagem de lixo e com a Escola Calábria (que atende projetos profissionalizantes em parceria com as comunidades) levando em consideração uma proposta de profissionalização de acordo com os interesses, possibilidades e necessidades da comunidade jovem. Apesar de ainda não ser um fato concreto a comunidade aposta na construção desses espaços para que seus moradores jovens tenham oportunidades melhores no mercado de trabalho.

O que predomina nesse bairro, no entanto, é uma grande lacuna de ações efetivas que geram a privação de jovens nessa etapa preparatória de acolherem para suas próprias opções um recorte afirmativo de direito inclusivo ou integrador, de começarem a desenhar para os próximos anos uma formação educativa que não prive a sua capacidade de ação positiva para suas experiências abrindo espaço para todos que vem atrás deles (irmãos menores).

Esse tempo de espera de Instituições de Políticas Públicas de Atendimento que auxiliem no processo de formação juvenil somente enfraquece a credibilidade da comunidade em relação às instituições que são referências na vida de todos, ficando ainda tão somente a escola Mario Quintana que foi fundada por votação de OP (Orçamento Participativo) mantendo seu papel social, ao qual obtém pouco sucesso pois é apenas transmissora de conteúdos e informações, esquecendo a humanização e sendo, muitas vezes, mais violenta e etiquetadora que as ruas.

## CONCLUSÃO

Existe toda uma ação, todo um movimento social, que hoje só respondemos para fraseando; os meios acadêmicos dizem que tu jamais vai ter uma ideia que alguém já não tivesse tido. E a totalidade do meu pensamento não é única? Porque tenho que parafrasear para fazer com que minhas ideias sejam reconhecidas ou tem um eco positivo?

O professor em reuniões de classe fala da turma, do aluno, critica educação, emite opiniões e pareceres, mas se tornam palavras soltas em um ambiente, que rotula...etiqueta e carimba um passaporte de fracassado ao aluno e ao sistema; porém não puxa para si a responsabilidade inerente ao ato de educar. Todos acham defeitos na escola sistema\ sistema mas ninguém pensa em acabar com a metodologia conteudista do trinômio quadro\ giz\ grade curricular para romper esse elo opressor.

Essa ruptura se faz urgente e necessária para que os profissionais de educação tenham um novo olhar sobre o aluno que já vem de casa envolto em uma cela de proteção até de si mesmo. Para tornar o educador mais resiliente é necessário que os formadores desses profissionais os ensine a sair de si e se ver diante do espelho no sentido existencial porque ali ele vai encontrar seu traço de genialidade ,que todo ser humano tem (e se alguém não acreditar nisso deixe de ser professor) e assim se desenvolva naquilo que possui de DIVINO estimulado pelo seu educador.

No final de todo esse processo de inserção família-escola-sociedade existe um ser em desenvolvimento que está apto a dar grandes acréscimos ao seu entorno, mas que antes necessita descobrir suas capacidades e ser incentivado a desenvolvê-las.

Concluindo não é usando o mesmo padrão de ensino que estaremos seres humanos com suas respectivas singularidades e diferenças a serem capazes de enfrentar a si e ao mundo como seres soberanos. Parafraseando eu não desenvolvo potencialidades apenas me torno um gravador

ambulante. Para formar seres resilientes o primeiro elo dessa cadeia é tornar os profissionais que atuam com esses alunos em seres resilientes. Hoje mais do que nunca é na escola que o jovem busca apoio\proteção para se descobrir e definir para onde quer e pode ir.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. Petrópolis; Vozes, 1998.

Martineau, S. *Rewriting resilience: a critical discourse analysis of childhood resilience and the politics of teaching resilience to "kids at risk"*. Tese de Doutorado, The University of British Columbia, 1999

Rutter, M. **Sex differences in children's response to family stress**. Em: Anthony, E. J.; Koupernik, C. (Eds.).*The child in his family*. (pp. 165-196) New York: Wiley. 1970

Santos, B. **A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2001,

Silva Jr., J. F. **Resistência dos materiais**. São Paulo: Ao Livro Técnico. 1972.

Tavares, J. . **A resiliência na sociedade emergente**. Em Tavares J. (Org.) *Resiliência e educação*, (pp. 43-75). São Paulo: Cortez. 2001.